

## **Educação ambiental: ação integradora na formação de cidadãos críticos em seus contextos de vida**

Celio Silva Meira, Celeste Dias Amorim, Milton Ferreira da Silva Júnior

### **Resumo**

O papel desafiador que permeia a relação meio ambiente e educação possibilita o surgimento de novos saberes que nos leve a compreender os processos que se tornam cada vez mais complexos. Neste sentido, objetivou-se analisar como ocorre o processo de educar ambientalmente fora do eixo escolar, mas que interfere significativamente na formação de cidadãos críticos e conscientes do ambiente em que está inserido. Este estudo vem sendo desenvolvido há mais de 10 anos nas casas de religiões afro-brasileiras no município de Poções-Ba, tendo como recursos metodológicos a Cartografia de Controvérsias, tendo metodologicamente como base teórica os estudos de Bruno Latour. Observou-se até então que essas comunidades tradicionais de terreiros assumem no contexto social atual, no que tange à preservação do meio ambiente um papel de relevância significativa, pois é da natureza que emana a força. Preliminarmente, conclui-se que a educação ambiental se dá também fora dos currículos escolares normativos e auxiliam a educação formal na formação de cidadãos, neste caso, faz-se necessário um repensar das nossas práticas pedagógicas, onde muitas vezes imbuídos de pré-conceitos e não conseguimos perceber que outras instâncias podem proporcionar aos nossos alunos ações significativas que não conseguimos alcançar no cotidiano de um currículo escolar formal.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Comunidades Tradicionais. Formação de Cidadão. Educação Não-Formal.

### **Environmental education: action in inclusive education of citizens in their critical contexts of life**

### **Abstract**

The challenging role that permeates the environment relation and education enables the emergence of new knowledge that leads us to understand the processes that become increasingly complex. In this sense, it is aimed to analyze how the process of educating environmentally axis occurs outside of school, but that interferes significantly with the formation of critical citizens who are aware of the environment in which it is inserted. This study has been developed for over 10 years in the homes of african-Brazilian religions in the city of Poções-Ba, and as a methodological Mapping Controversies resources, taking as theoretical base methodologically studies of Bruno Latour. It was observed previously that these traditional communities terraces assume the current social context, regarding the preservation of the environment a role of significant importance as it is the nature that exudes strength. Preliminarily, it appears that environmental education takes place also outside the normative curricula and assist formal education in the formation of citizens, in this case, it is necessary to rethink our

pedagogical practices, which often imbued with prejudices and fail to realize that other instances can provide our students with meaningful actions that can not reach the daily life of a formal curriculum.

**Keywords:** Environmental Education. Traditional Communities. Citizen training. Non-Formal Education.

## O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dentre todos os temas que compõem a transversalidade curricular, a Educação Ambiental é um dos mais importantes e debatidos na área educacional. Presente há bastante tempo dentro da Educação Básica e nos cursos de formação de professores, que vai desde o antigo Normal Médio até aos cursos de Pedagogia a nível superior, essa temática vem ganhando nos tempos de globalização econômica um lugar ímpar nos debates acadêmicos em todos os campos do conhecimento.

Nesse sentido, os cursos de formação de educadores vêm insistindo na contemplação dessa formação, pois o professor de séries iniciais, sobretudo, tem um importante papel na formação de sujeitos ambientais. Onde a educação ambiental feita de forma efetiva desde a tenra infância contribuirá significativamente na formação de cidadãos que compreendam e se comprometam de forma efetiva com as questões ambientais (CARVALHO, 2006).

Percebe-se na atualidade, um constante crescimento na conscientização para a importância do ato de preservar, até mesmo como forma de manter a própria condição de viver nessa natureza. No entanto, se nós educadores, que temos uma parcela significativa na formação dos cidadãos não estivermos preparados para contribuir na formação de uma consciência voltada para uma real mudança na relação entre sociedade e natureza, estaremos apenas transmitindo conteúdos soltos e pragmáticos ou simplesmente propondo a realização de projetos pedagógicos vazios, onde não terão quase ou nenhum significado para o ser humano em formação, ou então desenvolvendo simplesmente hábitos mecânicos, tais como: “jogar o lixo no cesto, não desperdiçar água quando for tomar banho, dentre outros condicionamentos”.

A proposta desde texto é refletir acerca da preparação do professor na formação de um sujeito ecológico que seja capaz de compreender a relação homem-natureza-sociedade, percebendo nos menores gestos do cotidiano como suas atitudes e atos interferem no todo do planeta e como pode agir politicamente, cientificamente, cotidianamente, para preservar o meio ambiente. E, principalmente como outras ações que se passam foram do âmbito da escolar também refletem positivamente no ato de preservar o meio em que este sujeito está inserido contextualmente, a chamada Educação Ambiental não escolar.

Sendo o conceito de Educação Ambiental (EA) extremamente abrangedor, e que envolve a participação de toda a sociedade por meio da construção de valores sociais (moral, ética, dignidade, respeito, solidariedade). A EA tanto pode ser formal, quanto informal. No Capítulo 36 da Agenda 21, estabelece que a Educação Ambiental deva buscar:

[...] desenvolver uma população que seja consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhes são associados. Uma população que tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar, individual e coletivamente, na busca de soluções para os problemas existentes e para a preservação dos novos [...] (BRASIL, Agenda 21).

A lei 9.795/99, dispõe sobre a Educação Ambiental estabelecendo sobre a EA formal e não-formal, esta última é assim caracterizada no art. 12 “entendem-se por educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização na defesa da qualidade do meio ambiente” (BRASIL, 1999, p. 43).

Assim, a Educação Ambiental é um processo dinâmico que favorece a participação individual e coletiva, de forma que os envolvidos passem a ser transformadores, buscando alternativas coerentes para a redução dos impactos ambientais e controle social do uso de recursos naturais.

Então, é por meio da participação ocasionada através de processos educativos informais, que a EA pode favorecer uma aproximação cultural de transmissão e renovação de conhecimento, promovendo a relação entre homem e sociedade. O que segundo Castro (2010, p. 2), “mantém-se como um patrimônio de saberes, atitudes, pensamentos, sentimentos, formas de ver o mundo e a si mesmo, produzidos pelos seres humanos e que os acompanha em todos os tempos e lugares de sua existência”. Ao tempo em que Therrien lembra que no currículo da educação formal passa apenas em “uma parte extremamente restrita de tudo que forma a experiência coletiva, a cultura viva de uma comunidade” (apud CASTRO, 2010, p. 3). Assim, “o saber informal, que fabricado, moldado, criado e recriado pela tradição e que, silenciosamente, se esgueira de fora para dentro dos complexos escolares” (CASTRO, 2010, p. 1) tem uma importância significativa na formação do homem.

Assim segundo Gohn (2006, p. 29; 32) a educação não-formal ocorre em

ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados. [...]

Entendemos a educação não-formal como aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo homens e mulheres. Em hipótese alguma ela substitui ou compete com a Educação Formal, escolar. Poderá ajudar na complementação dessa última, via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizada no território de entorno da escola. A educação não-formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno.

Este espaço descrito por Gohn é favorável a Educação Ambiental que segundo Carvalho (2006) é desenvolvida em um contexto que proporciona uma educação crítica indo além dos conteúdos pedagógicos, assim o indivíduo através dos saberes formal e não-formal é capaz de fixar valores, tais como generosidade, cooperação, solidariedade, tolerância, respeito à diversidade, dignidade e ética. Estabelecendo então uma nova ética, capaz de sensibilizar, conscientizar transformar atitudes e construir novos hábitos para formação sustentável da sociedade com uma relação integrada entre o ser humano, a sociedade e a natureza, ambicionando em nível local e global, o equilíbrio ambiental em defesa da melhor qualidade de vida em todos os níveis.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho é fruto parcial de um estudo que vem sendo desenvolvido há mais

de 10 anos na comunidade do terreiro do Buraco do Boi que pertence a Nação Angola, no município de Poções-Ba (casa de religião afro-brasileiras), sendo iniciado no período do estudo de especialização em Antropologia com ênfase em Culturas Afro-Brasileiras, passando pelo mestrado em Ciências Ambientais, onde foi desenvolvido como objeto dissertativo o uso das plantas sagradas em Terreiro de Umbanda da supracitada localidade de estudo.

A pesquisa foi desenvolvida através da triangulação de métodos, sendo utilizado o estudo de caso, a Hermenêutica de Profundidade e a Cartografia das Controvérsias, sob a abordagem discursiva qualitativa.

O método Cartografia das Controvérsias, trata-se de uma estratégia de investigação que dá a entender que o pesquisador vai na contramão da pesquisa científica tradicional, no entanto ela é volta as situações de incerteza, aos conflitos e riscos e não aos conhecimentos já solidificados.

No primeiro momento do estudo foi utilizado o método da Hermenêutica de Profundidade, tomando como base os estudos do antropólogo Clifort Geertz (1989, 2000) e em um segundo vem utilizando como base teórica metodologia os estudos de Bruno Latour (1994; 2007), onde o autor demonstra uma preocupação da separação da ciência do social em que todos como co-pesquisadores somos responsáveis para que a pesquisa seja imbuída dos elementos sociais, possibilitando a nossa transformação participação, que sejam involuntários ou voluntários das ações nos experimentos ou nas inovações. Onde todos somos co-responsáveis, “uns como pesquisadores, outros como financiadores, outros como testemunhas, outros enfim como cobaias” (LATOIR, 2007, p. 82).

O público alvo é representado pelos atores do terreiro de Candomblé da Nação Angola, situado no município de Poções – Bahia.

O que se pretende nesta fase do estudo é mostrar os resultados ao longo desta década, abrindo um espaço para novas contribuições no campo da pesquisa.

Analisar como ocorre o processo de educar ambientalmente fora do eixo escolar, mas que acaba interferindo significativamente na formação de cidadãos críticos e conscientes do ambiente em que está inserido.

## **RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS E O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO-FORMAL**

O presente estudo verificou como se dá a Educação Ambiental não-formal na comunidade religiosa, terreiro de Candomblé da Nação Angola, que segundo dados historiográficos, as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras tem uma íntima relação com o meio ambiente. No que tange ao uso de plantas, ou ervas sagradas, de acordo com informações dos atores locais, as casas de candomblé poçoenses fazem uso constante das ervas em seus rituais, de maneira fundamental aos rituais, o que demonstra que, para os adeptos desta religião, é imprescindível o uso de plantas dentro de seus terreiros (MEIRA; OLIVEIRA, 2011). Segundo Oliveira e Oliveira (2007, p. 81).

A sacralização da natureza é um aspecto fundante do candomblé. As plantas, como outros fenômenos e objetos da natureza, são consideradas sagradas e possuem um papel fundamental na estrutura litúrgica do culto: desde os banhos de ervas nos rituais de iniciação, o batismo dos tambores, a lavagem de contas, a oferenda de alimentos, até os banhos de purificação e os remédios vegetais prescritos pelos sacerdotes.

Antes de colhê-las, para que se possa saber qual ou quais serão as folhas que devem vir a ser usadas em cada procedimento ou nos rituais determinados, é preciso consultar aos encantados (entidades espirituais), por ocasião em que estes estão incorporados nos filhos da casa ou no pai de santo (ocasião em que podem conversar diretamente com as pessoas) (MEIRA; OLIVEIRA, 2011).

O segredo do poder das folhas é transmitido de geração a geração, seguindo os mesmos princípios utilizados nos terreiros, o da oralidade. De pai para filho, de tio para sobrinho... - uma relação de parentesco que não são apenas consanguíneo ou familiar no sentido formal da palavra, mas que também se referem aos parentescos rituais, pois os terreiros se organizam a partir de famílias de santo -, sempre tentando salvaguardar o valor do segredo das ervas e suas aplicabilidades dentro das casas (MEIRA; OLIVEIRA, 2011).

Segundo Barros (2009), o uso de certo ou determinado tipo de planta dentro de um terreiro varia de acordo com cada casa, havendo algumas casas que fazem uso de folhas para certas finalidades e, em outras, estas mesmas plantas são categorizadas de outras maneiras, podendo ser, por exemplo, consideradas como pertencentes a outros Orixás, ou então tidas como adequadas para curarem outros tipos de males ou de doenças, sejam elas espirituais ou físicas. Porém, vale ressaltar que todas as casas utilizam, em seus rituais, específicos tipos de plantas. Para Oliveira e Oliveira (2007, p. 82; 95)

A utilização de plantas, nestas comunidades, pode ter finalidade mágico-encantada, finalidade de prevenção ou tratamento da saúde, ou ambas a um só tempo, sem distinções rígidas entre males ou benefícios a que se atribuem causas físicas ou simbólicas e sem separação clara entre corpo e espírito. [...] As prescrições e receitas, os banhos medicinais ou garrafadas, feitos sob orientação dos caboclos, são usados com confiança pela população, pois se acredita que eles conhecem profundamente os segredos e as ciências das matas e da natureza brasileira.

Com isso, pode-se perceber o quanto a natureza se faz presente dentro dos terreiros. Pierre Verger (2005) afirma que as folhas formam uma grande força na farmacopeia africana.

A presença do vegetal, para o afro-brasileiro, está ligada à manutenção do axé. O axé representa a força vital que move e renova esse povo que tem toda a sua religiosidade calcada nas substâncias extraídas das folhas (MEIRA; OLIVEIRA, 2011). Para Santos (2008), este comportamento ambiental foi importante porque as religiões de matriz africana têm a natureza como elemento de comunicação com o sagrado, mediação entre o Ayiê e o Orum (as duas instâncias do mundo; a primeira, o mundo dos vivos e a segunda, o mundo dos orixás, dos antepassados e dos espíritos). É, portanto, por meio também das folhas sagradas que é feita a comunicação dos homens com as divindades (MEIRA; OLIVEIRA, 2011).

É conhecida a importância dos vegetais nos rituais afro-brasileiros devido também aos efeitos que estes causam àqueles que deles se utilizam como também devido ao valor simbólico dos mesmos no contexto geral das religiões de influência africana (MEIRA; OLIVEIRA, 2011). Tal aspecto pode ser verificado no depoimento do Babalorixá Erivelton Pereira Campos do Terreiro de Candomblé Caboclo Boiadeiro, localizado no município de Poções Bahia:

Uso ervas para tudo que faço, defumo pessoas sãs e também doentes; no momento das obrigações, meu caboclo – Boiadeiro- ensina vários remédios feitos com folhas, cascas de pau. Quando vou na casa de alguém a pedido fazer qualquer trabalho, primeiro eu faço um bate folha

na casa toda e depois na pessoa do trabalho. O nome das folhas é segredo, só o caboclo é quem diz quais usar (depoimento, jan. 2014).

Portanto, percebe-se que, para este babalorixá, as plantas adquirem fundamental importância na sua cultura religiosa e na medicina popular por suas propriedades terapêuticas e também por suas virtudes simbólicas. Percebe-se também, neste depoimento, a centralidade da figura do caboclo, entidade espiritual de grande importância nas casas de religiões africanas e afro-brasileiras, que utiliza constantemente as folhas em suas ações ou em seus rituais (MEIRA; OLIVEIRA, 2011).

Nas incorporações destes caboclos nos médiuns dos diversos centros religiosos em que aparecem, eles conversam com desenvoltura com os fiéis-pacientes, fumam charutos, ingerem bebidas alcoólicas, dando sempre ênfase à cura dos males do corpo, seja utilizando gestos rituais simbólicos, cantos gritos de saudação ou folhas, raízes, cipó, sementes e outros elementos da biodiversidade local, de que é profundo conhecedor (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2007, p. 96).

Para os adeptos das religiões afro-brasileiras, a natureza é o princípio da existência do culto; os Orixás são as representações ou até mesmo a materialização dela. A natureza está virtual e fundamentalmente presente, dentro das casas religiosas. Nesse sentido, deve-se ressaltar que o culto prestado aos Orixás e às demais entidades sagradas, nos terreiros de Candomblé, na cidade de Poções, em um determinado momento, ultrapassa os limites de um culto à ancestralidade de um grupo, remetendo-se ao culto à natureza, pois os membros que compõem as comunidades de santo, ou melhor, os terreiros acreditam que os homens sejam o resultado da somatória de todas as partes ou elementos que compõem a natureza tanto nos aspectos minerais, vegetais ou animais, como nos aspectos “visíveis” ou “invisíveis” transcendentais que, de certa forma, permitem a existência não só do culto, mas do homem e sua tradição (MEIRA; OLIVEIRA, 2011).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a pesquisa, foi possível perceber que a comunidade do terreiro do Buraco do Boi que pertence a Nação Angola, na qual esse estudo foi desenvolvido, expressa, em suas práticas religiosas, uma relação de grande intimidade com os elementos da natureza, além de preocupação com sua preservação. Há, no local, uma área com resquício de Mata Atlântica destinada ao culto das entidades das matas: a sacralização da natureza manifesta-se também, neste caso, com a busca contínua de preservação desta área de mata. Por outro lado, nas incorporações dos caboclos por alguns membros da casa, percebe-se que eles são conhecedores dos segredos e da eficiência das “ervas”, como são chamadas as folhas que servem para fazer remédio. Os caboclos conversam com desenvoltura com seus fiéis-pacientes, enquanto receitam o tratamento que a pessoa deve proceder. Fumam charutos, ingerem bebidas feitas com raízes ou casca de árvores da própria localidade do terreiro. Dando sempre ênfase à cura dos males do corpo ou da alma, os caboclos utilizam gestos rituais e simbólicos, cantos e gritos de saudação, lançando mão, constantemente, de suas folhas.

A natureza por si só ofereceu inúmeras oportunidades de desfrutá-la. Cabe, então, saber aproveitar da melhor maneira possível, respeitando-a e aos seus recursos, tanto bióticos como abióticos, respeitando a diversidade sociocultural estabelecida e firmada ao longo dos tempos.

Dessa forma nos parece claro que a comunidade em estudo tem uma preocupação com a sustentabilidade dos recursos naturais, em que preservar é o grande objetivo, sobretudo para a manutenção das futuras gerações e da preservação das tradições religiosas africanas e afro-brasileiras tão vivas em nossa cultura.

Os momentos da conversa informal e da preparação dos trabalhos da casa, entre outros, são ocasiões ricas para o repasse do conhecimento, pautado na forte oralidade que permeia essas ações. O aproveitamento desses elementos em uma proposta educativa, tendo como instrumento a Educação Ambiental, deve prever a sua introdução gradativa no seio da formalidade do saber escolarizado. Mostrar essa revalorização cabe também àqueles que se dedicam à prática efetiva da Educação Ambiental, subsidiados com informações oriundas de outras áreas e da própria vivência/experiência das populações tradicionais. O que se propõe enquanto reflexão deste tema debatido, é que o conhecimento acerca da EA não está somente restrito às disciplinas acadêmicas, ou presos nos livros didáticos e sim nas muitas de nossas práticas cotidianas e em diferentes contextos e experiências de vida. E cabe a nós educadores integrar os diferentes conhecimentos sobre preservação do meio ambiente na busca efetiva de uma preservação que respeite as diferenças culturais de cada grupo social e resulte numa efetiva preservação do meio ambiente.

E, por fim, concluímos que a nossa formação social foi diretamente influenciada pela singularidade da cultura de base negra, o que demonstra a resistência dos africanos ao processo de dominação europeia. Apesar da escravidão, os africanos e afrodescendentes nem sempre assimilaram ou reproduziram as estruturas de dominação europeia. Os valores culturais negros, trazidos na escravidão, aqui, fugindo dos seus senhores, usavam atitudes criativas para manterem-se fiéis aos seus valores, mitos e ritos de suas tradições. Logo, diante desse quadro, compreender como os sujeitos sociais constroem, vivem e reinventam suas tradições culturais de matriz africana é fundamental no trabalho de ressignificação da história e cultura negra, uma vez que esta produção cultural advinda desse grupo tem uma efetividade na construção identitária da população brasileira.

## REFERÊNCIAS

BARROS, J. F. P. de; NAPOLEÃO, E. **Ewéórisá: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jeje-nagô**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BENTO, S. As controvérsias tecnológicas na reflexão sobre tecnologias. In: SCHERREN-WARREN, I.; FERREIRA, J. M. C. (Org.). **Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo Brasil/Portugal**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**, capítulo VI, artigo n. 225. Brasília: 1988.

BRASIL. **Lei 9.795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 1999.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CASTRO, S. G. de. **A cultura dentro e fora do ambiente escolar**. 2010. Disponível em:

<[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.16/GT\\_16\\_01\\_2010.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.16/GT_16_01_2010.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2014.

GOHN, M. da G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **Nova luz sobre a antropologia**. Tradução Vera Ribeiro; revisão técnica, Maria Claudia Pereira Coelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Ed. 34, 1994.

\_\_\_\_\_. La cartographie des controverses. **Technology Review**, p. 82-83, 2007.

MEIRA, C. S.; OLIVEIRA, M. F. S. de. Plantas do axé: sua fundamentação religiosa nos terreiros de umbanda da cidade de Poções – Bahia. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2011 **Anais...** Salvador: UFBA, 2011.

OLIVEIRA, M. F. S. de; OLIVEIRA, O. J. R. de. **Na trilha do caboclo**: cultura, saúde e natureza. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007.

SANTOS, J. E. dos. **Os nagô e a morte**. Tradução UFBA. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

VERGER, P. F. **Ewé**: o uso das plantas na sociedade ioruba. 4. impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.